

Recessão não interessa aos EUA

CESAR FCNSECA

A redução média de 40 por cento do consumo interno patrocinado pelo plano de estabilização econômica baixado sob inspiração do FMI e credores internacionais pelo Governo, em março, não interessa, em primeiríssimo lugar, aos próprios Estados Unidos, maiores interessados na abertura comercial brasileira amplamente defendida seguidamente pelo presidente Bush.

A economia norte-americana, no momento, enfrenta o encavalamento simultâneo dos déficits comercial, de 160 bilhões de dólares, e orçamentário, superior a 250 bilhões de dólares, além de uma dívida interna superior a um trilhão de dólares, assim como problemas relacionados à falta de competitividade industrial em face do avanço tecnológico dos bens duráveis japoneses e alemães, que, nos últimos dez anos, tomaram de assalto o mercado norte-americano.

Supervalorizar o dólar para permitir a atração de investimentos externos dos países ricos e importar mercadorias baratas do Terceiro Mundo — éis a estratégia de Washington, nos anos 80, para dinamizar a economia dos Estados Unidos com inflação baixa. Era o milagre, a reaganomics tão propalada que todos pensavam ser eterna. Não foi. Ao fim vieram as contas a pagar. Quem vai pagá-las na década de 90?

A "Iniciativa para a América" é uma tentativa norte-americana para aumentar as exportações como melhor forma de combate ao déficit comercial expansivo. Por isso, os Estados Unidos precisam de mercado para os seus produtos. Não interessa mais a Washington o dólar supervalorizado. A indústria, a agricultura e o comércio norte-americanos estão às

portas da recessão. Precisam vender, precisam de clientes. Estimular a abertura comercial na América Latina, portanto, faz parte dos planos de Bush. Ela é a razão principal de sua recente visita ao continente.

Mas como conseguirão os Estados Unidos combater o seu déficit comercial, expandindo suas exportações via desvalorização gradual do dólar, se os potenciais compradores de suas mercadorias, como o Brasil, estão sufocados pela recessão? A supervalorização do dólar nos anos 80, patrocinada por Washington, favoreceu os credores internacionais. Permitiu aos países devedores exportar barato suas mercadorias para os EUA, obtendo, assim, dólares necessários ao pagamento dos juros da dívida externa, estratégia essa substitutiva da antiga prática bancária de refinanciar a dívida com novos empréstimos, enterrada definitivamente após a falência mexicana de 1982, quando soou a hora final dos devedores subdesenvolvidos congênitos.

Deprimir ainda mais o mercado interno através do aprofundamento do arrocho salarial e desvalorizar a moeda nacional como insistem os economistas do Governo sob o argumento de que a inflação brasileira é produzida por excesso de demanda — num país onde vigora o mais baixo salário mínimo do mundo! — somente continuará destruindo o mercado interno sem, contudo, baixar os preços, pois, para manter a taxa de lucro em ascensão, os empresários reduzem a produção e os mantêm altos, jogando no mercado financeiro suas reservas monetárias para garantir a rentabilidade do capital, continuando, assim incólume o seu processo de superacumulação permanente.

Enquanto os economistas oficiais

insistirem no diagnóstico do excesso de demanda — no compasso do empobrecimento nacional — e não perceberem como lembra o professor Lauro Campos, da UnB, que a crise brasileira é fruto da superacumulação de capital na economia, a exigir a imediata desconcentração da renda como forma de aquecer a demanda global, a inflação continuará avançando, pois ela em ascensão interessa, em primeiro lugar, aos próprios empresários, na medida que os salários baixos são incapazes de remunerar o capital superacumulado, restando-lhe a especulação com a taxa de juros para completar a sua taxa de lucro. A proposta inflacionária contida no pacto que botou o Governo no curé deixa claríssimo que os empresários estão nostálgicos de uma inflação alta. Aliás, Keynes já dizia que a inflação é a "unidade das soluções", o "elixir" permanente do capital superacumulado, cuja taxa de lucro tende a zero.

A superacumulação de capital viável na economia brasileira, portanto, bloqueia as intenções de Bush de ver o mercado interno nacional amplamente aberto às exportações norte-americanas para que os Estados Unidos possam combater o seu fantástico déficit comercial. Contra elas está o Plano Collor, que continua reduzindo em escala crescente o consumo interno mediante o violento arrocho monetário-salarial para atender a verdade de Zélia e sua equipe. De que adianta reduzir as tarifas aduaneiras sob o argumento da modernização econômica se o mercado se estreita no compasso da queda do poder aquisitivo da população?

César Fonseca é empresário, diretor da JCV Representações — Brasília